

O QUE JÁ ERA MAS AINDA NÃO SERÁ

Antônio Hohlfeldt

Escritos após o Estado Novo, cujo golpe obrigou seu autor a deslocar-se para o Rio Grande do Sul, em dois únicos romances de Ivan Pedro Martins, *Fronteira agreste* (1944) e *Caminhos do Sul* (1945) — este mais tarde desmembrado em dois volumes, o primeiro contendo os dois primeiros capítulos e guardando o título original, e o segundo reunindo os outros dois capítulos sob o título de *Casas acolheradas* — tornar-se-iam de consulta obrigatória a quem queira conhecer a ficção da gauchesca e, até mesmo, a realidade campeira da província naquele difícil momento brasileiro.

Fundalmente, ambos os relatos centralizam sua atenção no período compreendido entre a deflagração e o término da II Grande Guerra, ou seja, um momento de transição que vai de epopéia da República Nova, conquistada em 1930, à instituição ditatorial do Estado Novo e à redemocratização do país, com o término da guerra e a deposição de Getúlio Vargas, em 1945.

Os textos romanescos, contudo, através de flash-backs explícitos ou não, terminam por abarcar período bem mais amplo, referindo ora às Revoluções de 1893 e de 1923, ora à Guerra de 1914-1918, à Coluna Prestes de 1926, a Revolução de Forte de Copacabana, de 1922, etc. *Fronteira agreste* corre paralelo a *Caminhos do Sul* no que tange a suas principais personagens. Muitas das figuras que encontramos no primeiro romance, centralizadas espacialmente na estância de Santa Eulália, serão reencontradas perambulando pelos "corredores" que se constituem nos "caminhos do sul" do escritor mineiro Ivan Pedro de Martins, que em pleno século XX descobriu

e apaixonou-se — documentando-a — não a saga da gauchesca, mas os (anti)heróis remanescentes daquela saga, em suas múltiplas transformações, algumas das quais significaram inclusive seu segundo desaparecimento. Aliás, é bom que liguemos os dois séculos — porque são exatos cem anos que separam os episódios — que fizeram com que o “gaúcho” original, aquele gaudério mestiço que povoou o pampa — da área argentina à sul-rio-grandense — se modificasse e desaparecesse, em processos sociais de degradação e amesquinamento. Antes da “grande guerra” — a “Revolução Farrroupilha” de 1835 a 1845 — o gaúcho cruzava em linha reta os campos, sem cercas, sem proprietários explícitos, dono de seu cavalo e de seu destino. Após aquele episódio, assistiremos à proletarização do gaúcho — monarca dos pampas — transformado agora em peão de estância, rodeado por cercas, obrigado ao relacionamento permanente com uma propriedade, ligado a um patrão.

Já no período compreendido entre as duas grandes guerras, no século XX, novo processo de marginalização e desaparecimento: o gaúcho tornado peão, ainda que tendo guardado seu cavalo como propriedade fundamental, dele é agora despojado. Torna-se aquele que o escritor Cyro Martins, contemporâneo de Ivan Pedro de Martins, designará como “gaúcho a pé”. O processo de degradação e amesquinamento, contudo, tem desdobramentos sutis: a obrigação ao convívio do galpão ao lado dos animais domésticos como cães e ovelhas ou a marginalização espacial nas precárias construções levantadas junto às mais distantes fronteiras das estâncias é um desses estágios. O outro é sua retirada obrigatória das estâncias e sua migração para os “corredores”, fora das propriedades cercadas, até chegar às “casas acolheradas” das cidades que se levantam por toda a província. Nessa involução, surgem situações vetatórias como a transformação das mulheres em objetos do desejo do patrão, seguindo-se a prostituição das mesmas nas cidades, tornadas mulheres em que “todo o mundo vai”, para usar expressão do escritor, a atividade do contrabando como maneira de sobrevivência e até mesmo de protesto contra a marginalização presente e, enfim, a morte sob os tiros de algum “ronda” que atue, contratado pelo estancieiro, em defesa da propriedade cercada e de seus rebanhos, com a conivência e/ou omissão da autoridade policial já então implantada a partir do espaço urbano.

Esta apreensão perfeita da degradação, que se traduz exemplarmente não em uma mobilidade social ou espacial, apenas, mas na ocupação de diferentes espaços — a pampa sem horizontes, a estância marcada pela cerca, o corredor entre as propriedades e o rancho levantado à beira das cidades, lugar das “casas acolheradas” — consubstancia a preocupação fundamental dos dois trabalhos de Ivan Pedro de Martins que têm, como principal contribuição dada à literatura da gauchesca e, conseqüentemente, à literatura brasileira, a perspectiva da narrativa coletivista e coletivizadora — talvez exemplo único de nossas letras, duplamente influenciada — ainda que o negue quanto ao primeiro aspecto — pelo naturalismo/realismo quanto ao enfoque temático — e pelo realismo socialista quanto ao tratamento dispensado à narrativa. Tradicionalmente ligado ao chamado “romance de 30” pelos seus estudiosos, Ivan Pedro de Martins, contudo, não seguiu umas das principais lições daquele grupo de escritores: não tabalhou ele com heróis individuais (ou mesmo anti-heróis, se considerarmos o Fabiano, de *Vidas secas*, dentre outros). Preferiu conjuntos humanos e sociais que traduzissem, exatamente pelo aspecto coletivizado, as modificações sociais em emergência. Assim sendo, *Fronteira agreste* analisa o espaço da estância, enquanto *Caminhos do Sul* buscará o espaço do “corredor” e, enfim, *Casas acolheradas* falará da cidade e de seus variados espaços representativos, o bolicho popular, o bar das elites, o clube social, etc.

Se a lição de Ivan Pedro de Martins é clara, nem por isso é exatamente pioneira quanto a sua idealização. Na verdade, João Simões Lopes Neto, de certa maneira, já o antecederá, eis que, embora trabalhando uma única personagem, o velho mestiço Blau Nunes, narrador de 88 anos que rememora para um atento ouvinte cidadão as histórias que viveu — e assim configura as características heróicas do gaúcho primordial — exemplificou nos vários relatos as qualidades fundamentais do comportamento e da psicologia deste tipo social. No caso do escritor mineiro, ao invés de centralizar numa única personagem o conjunto de qualificações que pretendia abordar, prefere distribuí-las em diferentes figuras. E isso ocorre, em meu entender, porque o escritor pelotense, ao falar de uma personagem já em processo de extinção, busca não o presente, mas o passado, renovando a aura gauchesca do monarca das coxi-

Ihas, enquanto Ivan Pedro, ao contrário, não foge da contemporaneidade e, conseqüentemente, termina por abordar a própria marginalidade, motivo maior de sua escritura.

Não é casual que, a exemplo do Blau Nunes de João Simões, também Ivan Pedro encontre e centralize sua atenção em um antigo campeiro, Tio Remígio. Como se confirma do depoimento do escritor, estampado na edição de *Casas acolheradas*, à guisa de prefácio, Tio Remígio é o narrador e o modelo referencial tomado pelo escritor para desenvolver sua obra. Mas se Blau Nunes é como que "congelado" por Simões Lopes Neto, o mesmo não ocorre com Tio Remígio: ele é acompanhado em sua história que o visualiza já na velhice (em *Frenteira agreste*) embora sob certa sobrevivência tranqüila, à sombra da estância, para ser depois examinado em processos anteriores ou paralelos de afastamento do centro das ações, dando lugar a novos tipos e personagens, como ocorre em *Caminhos do Sul*, situado temporalmente antes da narrativa de *Frenteira agreste* — a juventude de Remígio — levando-o a compartilhar dos "corredores" com outras personagens, até o conhecimento dos desdobramentos da decadência vivida pela gauchada em *Casas acolheradas*. Assim, embora o conjunto de narrativas se inicie e se encerre com a atenção voltada para Tio Remígio, ele não é o centro da escritura, mas sim o seu contraste, uma espécie de testemunha denunciante, de acusação, ao contrário de Blau Nunes, colocado no centro dos relatos enquanto herói explícito, fazendo com que a eventual denúncia de involução se configure implicitamente e palidamente no texto simoneano.

Observe-se que a Tio Remígio — como principal personagem referencial de *Frenteira agreste* — se sucedem ou somam Maneco, peão exemplar, Geraldo, um negro capão, Seu Guedes, peão marginalizado que anuncia a consciência em formação da rebeldia do gaúcho a pé, além de Valderedo — este sim, retrato do antigo gaúcho épico, mas que, por isso mesmo, acaba eliminado violentamente, à traição pelo ronda Armando, justamente após aceitar sua proletarização através do emprego em uma estância. O episódio se completa no romance seguinte, quando Remígio cede o principal lugar às figuras múltiplas do Chico Fonseca, que lhe arrebatou a mulata Candoca, ao carreteiro João Castiano, ao platino Manuel Garcia (outra figura rebelde assassinado a mando do dono da estância)

e ao negro Rosica, ladrão de gado que se acostuma a tal prática para sobreviver, e de tal forma que, mesmo quando encontra abrigo e garantia de alimentação, não deixa de roubar, porque, como afirma, "roubado é mió!" (p.186). O painel se completa com a figura do velho Ambrósio, contrabandista heróico (eco daquele outro contrabandista presente em Simões Lopes Neto), ao mesmo tempo em que novos tipos já se anunciam, à maneira de *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, nas figuras do italiano Giuseppi, ou dos mascates Salim e Jamil — mais do que tipos exóticos, anunciadores de novas etnias e novas ocupações a se fazerem presentes no chão do Rio Grande. Enfim, em *Casas acolheradas*, onde Tio Remígio ressurgue esporadicamente, aqui e ali, e onde, na observação das figuras que desenvolvem as ações principais, ganham espaços as personagens negativas (como Pedro Vinhas, Vaz, Coronel Pontes, Olguinha, Mariazinha, etc.) aparecem os ativistas sindicais urbanos, como José, Américo, Raimundo — e até mesmo um estancieiro moderno, como é o caso do Pituca Gomes, capaz de entender a importância da industrialização, enfrentando, assim, a partir da terra natal, os avanços das multinacionais simbolizadas pelos frigoríficos, ou as ideologias retrógradas, como o nazi-fascismo e o caipira integralismo.

Se João Simões coloca seu Blau Nunes a rememorar os acontecimentos antigos, numa série de cavalgadas que desenvolve ao lado do interlocutor, Ivan Pedro situa seu Tio Remígio diretamente vinculado aos acontecimentos no momento mesmo de sua ocorrência, o que transforma sobremaneira a perspectiva com que a personagem analisa os fatos, não de maneira distanciada e filtrada pela memória, mas sim, de modo aproximado e diretamente influenciado, emocionalmente influenciado, pela co-participação. Muda, também, a perspectiva do narrador: Simões Lopes aparentemente abre mão de imiscuir-se na narrativa, passando a palavra — que se torna memória — a Blau Nunes. Ivan Pedro, ao contrário, não abdica do poder de interferir, comentar e julgar os acontecimentos, organizando-os e selecionando-os não segundo a ótica de Tio Remígio, que deixa de ser o condutor ativo da narrativa, mas segundo sua própria ótica de narrador, permitindo, assim, ao leitor, o acompanhamento mais dinâmico da evolução da consciência crítica que desenvolverá a personagem central. Assim, trocam-se as

interrogações de Blau Nunes pelas constatações de Tio Remígio, e assumem-se as degradações da gauchada marginalizada — silenciadas por Blau Nunes — mas trazidas à tona pelo escritor mineiro.

A leitura aproximada dos dois escritos permite-nos, ainda, uma outra diferenciação. No caso de Simões Lopes, é claro certo maniqueísmo quanto à catalogação das personagens, ou seja, não existem meios-tons: ou são personagens heróicas, “mocinhos” de cada narrativa, ou estão absolutamente colocadas no pólo oposto, enquanto “bandidos”, personagens más. No caso de Ivan Pedro, exatamente porque enfoca uma época de transição, tal diferenciação jamais é tão nítida. Assim, se existem personagens positivas, como os já mencionados Tio Remígio, Valderedo, Maneco, Geraldo, Seu Guedes, entre os peões, também encontramos aqueles de características negativas, como o Compadre Osório, pai de Miguelina, que sonha arrivistamente em vir a ser dono de Santa Eulália. Também na área do estancieiro, o velho proprietário de Santa Eulália encontra-se num campo positivo, pelo tipo de tratamento que dá aos peões, enquanto seus filhos já sofrem deslocamentos (João mais do que Tónico) e, enfim, Chico Ribeiro está completamente colocado no pólo negativo, por ser não apenas contrabandista, mas por apropriar-se do gado das estâncias vizinhas. O processo se repete no livro seguinte, já que o Dr. Carlos, proprietário da estância do Sauce é colocado totalmente no pólo negativo, até por violentar Maria Clara, da mesma forma que Joca é visto negativamente. Mas Helena — que abandona Siqueira, seu marido, para fugir com João Castiano, o carreteiro — ou mesmo Chico Fonseca, não estão totalmente isentos de culpabilidade por seu comportamento social. Há, contudo, figuras radicalmente situadas em algum pólo, como o boteiro do São Borja, Zé Macaco, na área positiva, ou Lázaro (batizado significativo desta personagem), ronda da fazenda, que tenta, inultamente, caçar ao negro Rosica. Por fim, no texto de *Casas acolheradas*, em que o pólo negativo é superior em quantidade ao pólo positivo (com o quê, de certa maneira, documenta Ivan Pedro a superioridade moral da campanha sobre a cidade), encontramos uma indefinição crescente, eis que, a bem da verdade, poucas são as personagens claramente definidas, como as dos ativistas sindicais, reunidos em torno do pedreiro José.

Pode-se substituir certa nostalgia encontrável nos contos de

Simões Lopes em relação ao passado, por uma avaliação realista do presente, de suas dificuldades, de seus desafios mas também de suas bonanças, em todos os textos de Ivan Pedro de Martins. No caso de *Fronteira agreste*, sente-se ainda a existência de um espaço aparentemente neutro — como se as personagens vivessem uma “sursis” — que é a estância: ali, a convivência é possível, e embora a disputa por Miguelina entre João e Tónico transforme a rapariga de certa maneira em objetivo, ao final do romance a própria rapariga adere à regra do jogo, exigindo aquilo que todas as demais, em sua situação, exigiam: um rancho, uma nesga de terra, uma pontinha de gado, cumprindo, ao mesmo tempo, o fado a que todas estavam condenadas: procriar indiscriminadamente e, ao envelhecer precocemente, ser rejeitada e substituída por uma outra, por parte do amante.

O nível de discussão neste texto, em relação às personagens, é de uma consciência ingênua, para usarmos uma categoria bastante conhecida na sociologia, e isso tanto entre os analfabetos ou semi-analfabetos, como os peões e os moradores da Costa, quanto mesmo entre os integrantes da elite social agrária. Verifique-se, neste sentido, a confusão mental, quanto à situação política, por parte do proprietário de Santa Eulália, ou ainda, a confusão de Tónico em relação à propriedade e mesmo à Miguelina. Mas o episódio exemplar é a discussão ocorrida entre Seu Guedes e Seu Joaquim, quando da enchente, sintetizada na constatação do último: “É cumpadre, pode ser ansim, mas isso é coisa que num tem remédio, sempre foi ansim e vai sendo ansim” (p.85) tanto quanto na resposta de Seu Guedes a esta constatação: “Eu digo segundo e conforme porque acho que ansim, num tá direito e, se num tá direito, tem de mudá” (p.85).

Esta mesma consciência ingênua, talvez ainda menor, ocorre no livro seguinte (até porque suas ações encontram-se temporalmente situadas antes do que ocorre em *Fronteira agreste*), mas traveste-se de uma ação de resistência mais eficiente, ao menos, sob aspectos parciais. E, por exemplo todo o emocionante episódio dos contrabandistas liderados pelo velho Ambrósio, especialmente o capítulo VIII da primeira parte, quando quatro velhos enfrentam durante quase um dia inteiro, à tropa. Outro episódio significativo é o capítulo VIII da segunda parte, envolvendo o negro Rosica e sua

reação à existência das cercas, institucionalizando o roubo dos animais do estancieiro.

Bem diferente, por certo, será a situação em Casas acolheradas, eis que, embora se tente, sem maior êxito, uma mobilização ampla dos trabalhadores das charqueadas (cuja existência vil foi exemplarmente enfocada no romance *Charqueada* de Pedro Wayne, anterior aos textos de Ivan Pedro de Martins e que, certamente, dele não era desconhecido), já existe uma plena conscientização sindical, e aquilo que era episódico, passageiro e apenas sugerido em *Caminhos do Sul* — a rebelião da tropa de Prestes, configurada na passagem do revolucionário pelos ranchos dos peões — agora se concretiza numa certa militância organizada, ainda que não plenamente sistematizada.

Mais do que isso, evolui-se gradativamente da perspectiva de um ciclo naturalista de nascimento-vida-renascimento, com que se encerra o primeiro romance, para uma perspectiva progressista do último, após registrar-se certa dinâmica social no texto intermediário. Compare-se a conclusão dos dois textos-limite. Em *Frenteira agreste*, a continuidade sem fim, a falta de horizonte e de futuro:

Mas, o resto continua como sempre, já os arados começam a morder a terra, o gado se aquieta para o inverno e os homens trabalham nas recorridas. Estão plantados na terra, são como as macaças, nascem, morrem e voltam a nascer. A guerra veio, vai levar milhares deles, vai trazer de volta milhares de homens novos criados por ela. E eles se encontram de novo com as coxilhas tervadas, com os santas-fés e caraguatás dos banhados, com os matos e arrolas, com os cavalos, o gado, os parentes, os amigos. E viverão de novo. Estirão os estribos, respirarão fundo, olhando os campos sem fim, e verão pintado no verde o colorado das flores, o colorado do amor à liberdade e da coragem, que, para o gaúcho é como a coxilha, termina no infinito, não se acaba nunca... (p.337).

Observe-se a saída "mítica", projetada num incerto futuro, a adequação do homem à terra, a falta de perspectiva com que se encerra o romance, a falta de mobilidade, enfim, que o caracteriza.

Não é muito diferente a finalização de *Caminhos do Sul*:

E todos marcam no corredor o traço de suas vidas. O corredor vai de coxilha em coxilha, de sanga em sanga, entra e sai por cidades, sobe e desce pelos campos, arrastando a grande corrente das vidas de todos os tipos, grandes e pequenas, humildes e heróicas, cheias

de dores e cheias de esperança. Em seu pó baila muito do que forma a vida das coxilhas todas (p.187).

Há, quando muito, uma "esperança" e certa possibilidade de deslocamento físico (para onde? para a marginalização das "casas acolheradas?") através do corredor.

Bem diversa, contudo, é a perspectiva de Casas acolheradas. Ali o texto sofre uma literal invasão do narrador, que chega mesmo a identificar-se com a narrativa, nela se incluindo, nesta passagem:

A paz se fez na Europa. Os povos livres ganharam a guerra contra o nazismo. Em todas as cidades o povo foi para a rua, quase chorando, comemorar o fim da mortandade. As famílias pesnam nos filhos que virão para casa. Os rapazes do Corpo Expedicionário voltarão à terra, retomarão sua vida entre os amigos, os companheiros, os parentes. Eles virão contar as cousas terríveis desses dias de guerra, em que povos de toda a parte sangravam juntos nos campos de batalha. Trarão junto com as recordações da metralha, do lodo, da doença, da morte, os ensinamentos do companheirismo, de amor à liberdade. Os daqui voltarão a trotar pelos corredores e os cascos dos matungos levantarão o pó vermelho incendiado pelo sol. O azul do céu dirá das esperanças de todo o mundo. Nas conversas haverá homens que dirão que os milhões de mortos na guerra foram sacrificados para que pudéssemos organizar uma vida digna em toda parte. Poderemos construir essa vida. Será uma gauchada que faremos para nossos filhos. Arrancaremos força de nossas tradições populares, de nossas lutas passadas, aprenderemos com nossos heróis, pediremos aos expedicionários que nos ensinam coragem, esperança, tenacidade. O gaúcho levantará a cabeça orgulhoso. Já não será a figura vazia de discursador bem pilchado sem raízes na terra. Gaúcho vai ser o nome dos homens que amam a vida, amam os homens, amam a liberdade (...) (p.177-8).

Observe-se que é a retomada do trecho final de *Frenteira agreste*, mas com uma variante fundamental: já não se trabalha mais com o mito. A liberdade anterior, por exemplo, aqui transformou-se na liberdade concreta. Os expedicionários conformam-se a potenciais revolucionários, ou ao menos inspiradores de modificações profundas na estrutura interna do país. Não se tem mais um verbo conjugado no passado, mas sim no futuro. Não se tem mais uma terceira pessoa do singular, distanciada e generalizante, mas sim uma primeira pessoa plural que inclui radicalmente o narrador enquanto personagem ativa sujeito das ações. A poeira a ser levanta-

tada, e não por acaso, é vermelha ao sol... e o gaúcho extravasa o epíteto regionalista para alçar-se ao significado universalizante dos que "amam a vida, amam os homens, amam a liberdade" ou seja, do verdadeiro revolucionário, abandonando, pois, a condição de pária, ou de marginal, para consolidar-se na de modificador do "status quo" vigente.

Os grandes responsáveis por tais transformações são, objetivamente, os episódios da II Grande Guerra, mas, explicitamente nomeado pela personagem de Tio Remígio, as experiências sociabilizadoras do corredor:

"O corredô dá mundo, se aprende a vivê cum ele. Vivê só, prá morrê só, mesmo quando se tem um mundo de amigo" (p.179) constata o velho. Ao que acrescentará o escritor, uma vez mais intrometendo-se na narrativa e buscando unir as duas pontas, a falta de perspectiva do peão e a potencialidade renovadora do estancieiro progressista:

A noite chegava para confundir os campos, corredores e cidades no abraço que os coloca juntos. A campanha irá dormir nas estâncias, caminhos e cidades (p.179).

Sabe-se hoje que acabou não sendo assim. Mas sem dúvida, em fins de 1945 — ocasião em que o livro foi escrito — é mais do que aceitável que tal perspectiva existisse, sobretudo com a expectativa da Constituinte que se realizaria no ano seguinte e a esperança da redemocratização do país.

O resto, bem conhecemos: o gaúcho a pé foi travestido de camponês, e este camponês é hoje rechaçado na figura dos "sem terra" quando intenta ocupar e retomar a terra que já foi de seus bisavós e que pode, no futuro, dar subsistência a seus filhos. O verbo no futuro e a conjugação plural socializante ainda se encontram distantes. De certa maneira, repetem-se as situações terríveis enfocadas ironicamente na finalização de *Porteira fechada*, de Cyro Martins. E nem se pode ter qualquer esperança com aquela de *Estrada nova*, do mesmo autor. O coronelismo, travestido em outros disfarces, agora se estende por latifúndios monoculturais, de soja ou trigo, expande-se em propriedades latifundiárias marcadas pelo sangue dos camponeses em toda a Amazônia, devastando florestas e assassinando índios. E até mesmo episódios de tentativas

de reação, como aqueles visualizados por Alcides Maya no conto "Por vingança" de Tapera, ou em outra passagem do mesmo romance *Estrada nova*, de Cyro Martins, chegam a qualquer lugar.

O gaúcho enfocado por Ivan Pedro de Martins, na contundente denúncia em que se constitui sua obra romanesca, é, pois, um tipo em extinção. Mais do que isso, um tipo em modificação. Mas nem ele relembra o passado apenas nostalgicamente, porque na verdade começa a possuir uma consciência, ainda que ingênua sobre aquele tempo, nem imagina um futuro fantástico e um risonho porvir. Na verdade, multiplicam-se os "gaúchos" na obra de Ivan Pedro de Martins, que concretiza, assim, aquela idéia esboçada por Augusto Meyer sobre a existência de múltiplos gaúchos no Rio Grande do Sul. Gaúchos que vivem, apenas, o seu presente, e são assim flagrados pelo escritor. E se, de um lado o tipo tradicional, mitificado, dá lugar a uma multiplicidade de novos tipos, mais ou menos marginalizados e penalizados pelo processo social, de outro esboçam-se novas variantes para este tipo, que não se desloca apenas espacialmente desde a campanha de onde surgiu, mas também sofre certa mobilidade social. É isso o que aprendemos com as figuras humanas — e por isso mesmo muitas vezes contraditórias como emocionantes — de um Tio Remígio, Miguelina, Manuel Garcia, o velho Ambrósio, José ou Raimundo. Serão eles os próximos a clamarem contra a insensibilidade que o escritor mineiro, com olhos de quem vê pela primeira vez e consciência de quem sabe que os mecanismos de opressão se reproduzem não importa onde nem que fantasias assumam, denunciou com absoluta objetividade sobretudo em seus dois romances originais, na metade da década de quarenta. Felizmente, para amargor nosso, mas também, para a documentação literária em que se constituem hoje essas obras.